

---

## MAÇONARIA E EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE ITUVERAVA – SP<sup>1</sup>

JABUR, Ana Maria Ribeiro Tanajura<sup>2</sup>  
COSTA, Alessandra David Moreira da<sup>3</sup>

---

Recebido em: 2009.12.23

Aprovado em: 2010.02.26

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278-339

---

**RESUMO:** Este artigo trata de uma pesquisa qualitativa, com análise de documentação da própria Instituição. Apoiada nas idéias de Dermeval Saviani (2004, 2007) e sendo um trabalho de história da educação e de história regional, discute aspectos teóricos; sendo que o objetivo principal é compreender o processo histórico no qual se insere a Fundação Educacional de Ituverava, criada pela Loja Maçônica “União Ituveravense” em 1971. Esta instituição, filantrópica e sem fins lucrativos, é mantenedora de três escolas: o Colégio Nossa Senhora do Carmo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava e a Faculdade de Agronomia “Dr. Francisco Maeda”, todas na cidade de Ituverava, no interior paulista, atendendo alunos de toda a região. Procura-se compreender a história da cidade e da região, bem como a influência da Maçonaria na fundação e nos rumos seguidos pela Instituição.

**Palavras-chave:** História da Educação Brasileira. Ensino Privado. Maçonaria.

## FREEMASONRY AND EDUCATION: THE FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE ITUVERAVA-SP EXPERIENCE

**SUMMARY:** The present article results from a thesis that has been developed from field research, documental and bibliographical, as required for acquisition of the Master's degree on Education. It is a qualitative research, with the analysis of documents belonging to the Institution itself. Supported by Dermeval Saviani's (2004, 2007) ideas and once it is a dissertation on history of education and on local history, it discusses theoretical aspects; the main purpose being to comprehend the historical process in which the Fundação Educacional de Ituverava (that was created by “União Ituveravense” masonic lodge in 1971) is inserted. The referred is a philanthropic and non-profitable institution and maintains three schools: Colégio Nossa Senhora do Carmo; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava; and Faculdade de Agronomia *Dr. Francisco Maeda*. All of them are located in Ituverava city, in the countryside of the State of São Paulo. Students from throughout that region attend there. The intention is to comprehend local history and the influence that Freemasonry exerted on the institution and on the course it has taken.

**Keywords:** Brazilian Education History. Private Education. Freemasonry.

---

## INTRODUÇÃO

Este artigo trata do estudo de um caso singular: a história da Fundação Educacional de Ituverava, cidade do interior do Estado de São Paulo, instituída e mantida por uma Loja

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de trabalho que está sendo desenvolvido por meio das pesquisas de campo, documental e bibliográfica, como exigência para conclusão do curso de Mestrado em Educação

<sup>2</sup> Professora de História da FE/FFCL; diretora de escola da EE Cap. Antonio Justino Falleiros de Ituverava - Diretoria de Ensino de São Joaquim da Barra - Secretaria de Estado da Educação, mestranda em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda - Ribeirão Preto – SP. [ana.teiadosaber@ig.com.br](mailto:ana.teiadosaber@ig.com.br)

<sup>3</sup> Mestre em História e Doutora em Educação Escolar pela UNESP, professora do curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda – Ribeirão Preto – SP. [davidalessandra@uol.com.br](mailto:davidalessandra@uol.com.br)

---

Maçônica local. Instituição de caráter filantrópico, criada em 1971, ela atualmente mantém três escolas que atendem alunos de toda a região.

## MAÇONARIA

Começemos por entender o que é a Maçonaria. Baçan (2008) a define como: “uma ordem cujas doutrinas básicas são amor fraterno, auxílio mútuo, filantropia e busca constante da verdade” (p. 7). Seus membros organizam-se em “Lojas”<sup>4</sup>, reunindo-se semanalmente. Essas lojas congregam-se em “Potências Maçônicas”, denominadas “Grandes Orientes” ou “Grandes Lojas” e as reuniões são realizadas em um local próprio, ao qual se dá o nome de Templo, embora a Maçonaria não seja uma religião<sup>5</sup>.

As origens da Maçonaria se perdem em meio às lendas. Historiadores maçons como Leadbater (1968) ligam-na ao Egito Antigo, à Grécia Antiga e até à lendária Atlântida. São estabelecidas relações também com o profeta persa Zaratustra, com o Mitraísmo e com o Judaísmo. Ele afirma: “Como maçons, é nobre e magnífica nossa linhagem especulativa, pois sob esse aspecto somos os descendentes diretos dos reis, profetas e sacerdotes da antiguidade, que então foram os portadores da Luz Oculta para os homens, durante incontáveis gerações” (sic) (LEADBEATER, 1968, p. 162).

Para Morel e Souza (2008), que são historiadores não maçons, a Maçonaria, tal como é hoje, surge apenas na Europa do século XVIII, mesmo que suas raízes sejam encontradas na Idade Média. Afirmam que a primeira grande loja maçônica surgiu em 24 de julho de 1717, quando quatro lojas de Londres uniram-se sob o nome de “Grande Loja de Londres”, colocando-se sob a autoridade de um Grão-Mestre e passando a ser considerada a “loja-mãe” da Maçonaria universal.

A dificuldade para os historiadores é grande. É preciso lembrar que muitos documentos foram queimados pelos próprios maçons para que não caíssem em mãos estranhas. Esse comportamento se explica pelas perseguições que de fato sofreram através dos tempos.

Entretanto, o conceito de Maçonaria como uma sociedade secreta deve ser revisto, já que na Internet encontram-se inúmeros endereços com informações sobre a Ordem e há fácil

---

<sup>4</sup> A palavra loja, de origem franco-germânica, designava originalmente o local de trabalho dos artesãos membros das guildas medievais ou o pátio usado para exposições artísticas e venda de produtos artesanais. Essa palavra passou então a designar um grupo organizado de maçons de determinada cidade ou região

<sup>5</sup> Aceitamos aqui a definição de que religião é um “conjunto cultural suscetível de articular todo um sistema de crenças em Deus ou num sobrenatural e um código de gestos, de práticas e de celebrações rituais [...]. Toda religião admite possuir a verdade sobre as questões fundamentais do homem, mas apoiando-se sempre numa fé ou crença. Sendo assim, ele se distingue da filosofia, pois esta pretende fundar suas ‘verdades’ ou tudo o que diz nas demonstrações racionais. Aquilo que a religião aceita como verdade de fé, a filosofia pretende demonstrar racionalmente” (JAPIASSU e MARCONDES, 2008, p. 239). Como a Maçonaria não defende dogmas (verdades de fé), é justamente nesse ponto que ela se distingue da religião, definindo-se, portanto, como uma filosofia.

---

acesso às Lojas, cujos templos têm localização amplamente conhecida.

Mas há uma mitologia em torno dela, que, no decorrer do tempo, tem funcionado bem para convencer e agregar pessoas. Segundo Morel e Souza (2008), trata-se de uma das mais eficientes armas que a Maçonaria utiliza no sentido de valorizar a instituição, elevar a autoestima de seus membros e mantê-los unidos. Da mesma forma, os sinais e rituais, bem como os segredos<sup>6</sup> compartilhados entre os “irmãos”, favorecem a coesão do grupo.

Por outro lado, existem as lendas antimaçônicas, que denigrem a instituição referindo-se a supostos complôs que teriam diferentes objetivos, variando conforme a versão apresentada. São exemplos: instaurar na Terra o reino de satanás, impor a anarquia, o domínio judeu ou ainda, o comunismo.

Positivas ou negativas, todas essas lendas na verdade extrapolam o poder real da Maçonaria. Com afirmam Morel e Souza (2008), “[...] tais narrativas acabaram criando uma supervalorização do papel da maçonaria nos destinos da história mundial”( p. 39).

Assim, podemos admitir que a Maçonaria tem origens muito antigas, mas, infelizmente, não nos é possível conhecê-las com o rigor científico que gostaríamos, já que a documentação existente é precária. Ao que parece, devemos afirmar que não conhecemos realmente as origens da Maçonaria. O que podemos é inferir pelos rituais e pelas denominações dadas aos seus afiliados e aos seus líderes que suas raízes são medievais, mas sua ideologia<sup>7</sup> é burguesa.

Não sendo uma religião, a Maçonaria, entretanto, exige de seus membros a crença em Deus. É interessante observar aqui as raízes judaico-cristãs da Ordem. Vejamos alguns detalhes: no Templo Maçônico está presente a Bíblia, chamada de “Livro da Lei” e considerada sagrada pelos maçons; o trabalho diuturno de todo maçom é chamado de “escada de Jacó”, em referência à escada vista por Jacó, patriarca hebreu, cuja história é narrada no Livro do Gênesis. Outro detalhe: as três luzes menores posicionadas no Oriente ao Sul, bem como no Ocidente do Templo Maçônico, representam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou seja, a Santíssima Trindade cristã.

Há ainda um padroeiro, que é São João, um santo cristão. Ligada à Loja Maçônica União Ituveravense, há uma sociedade filantrópica denominada “São João da Escócia”, nome

---

<sup>6</sup> Segundo Hortal (1993): “A obrigação do segredo, na Maçonaria é, portanto, um dado inquestionável. Muito se escreveu, por amigos e inimigos, a respeito dele [...] Tendo lido um bom número de rituais e autores maçônicos, a nossa conclusão é de que se trata de um segredo tipicamente iniciático, ou seja, destinado a proteger um pretenso conhecimento oculto, aperfeiçoador da pessoa humana. [...]. Não se trata, contudo, de um conhecimento fixado em fórmulas e sim uma espécie de viagem espiritual que o iniciado faz. Daí que o segredo acabe sendo algo tão pessoal e íntimo, que se torna realmente incomunicável”.(HORTAL, 1993, p. 26, 27).

<sup>7</sup> Aqui entendemos ideologia como “um sistema ordenado de idéias ou representações, que aparece como algo separado e independente das condições materiais [...] Assim, a ideologia aparece intimamente relacionada à alienação, no sentido de que os homens, iludidos pelas idéias dominantes, deixam de se reconhecer como agentes históricos.” (SILVA e SILVA, 2008, p. 206-207)

comum a muitas organizações similares em várias outras Lojas Maçônicas. Como as religiões e seitas protestantes não admitem o culto a santos, podemos concluir que essas raízes cristãs são, mais especificamente, católicas.

Apesar disso, a Igreja Católica rejeita a Maçonaria<sup>8</sup>. Desde a bula *In eminenti apostolatus specula*, do Papa Clemente XII, de 1738, até a última condenação, de 23/11/1983, há, segundo Jesus Hortal (1993), mais de trezentos atos legais católicos condenando a Maçonaria. Ela é vista como um perigo para a pureza da religião católica devido ao relativismo que marca as crenças da instituição. Como aceita pessoas de várias religiões diferentes, não abraçando, portanto, os dogmas católicos, as autoridades eclesiásticas consideram que as duas filosofias, a cristã e a maçônica, são inconciliáveis.

[...] o relativismo, mesmo não afirmado como verdade dogmática, pertence às convicções fundamentais da Maçonaria e é veiculado através de um sistema simbólico extremamente absorvente. Daí a impossibilidade, para o católico, de uma dupla fidelidade, eclesial e maçônica, ou de uma dupla moralidade, humanista e cristã. [...]

A argumentação em favor de tal inconciliabilidade baseia-se [...] na ideologia iluminista que se encontra no fundo de toda e qualquer Maçonaria. Não é por acaso que na Maçonaria se encontram, em todas as latitudes, duas características do Iluminismo: a confiança absoluta nos poderes infalíveis da razão e da experiência, e o senso da imensidão da natureza, governada pelas leis férreas do mecanicismo universal... (HORTAL, 1993, p.66-68).

Diante disso, pode-se afirmar que a Igreja Católica não aceita a Maçonaria; mas a Maçonaria aceita a Igreja Católica, bem como aceita todas as religiões. Hortal (1993), membro do clero católico, afirma, entretanto, que é preciso diálogo entre as instituições, já que ambas trabalham pelo bem da sociedade: “devem-se reconhecer na Maçonaria atitudes humanistas que, na prática, podem coincidir com ações caritativas da Igreja. Em relação a certos problemas sociais mais candentes, seria possível uma ação conjunta” (p 85).

Tanto a Maçonaria quanto a Igreja Católica estão historicamente marcadas pelo interesse na educação e em ações concretas no sentido de desenvolvê-la. O interesse pela educação como motor de libertação do homem é comum às duas instituições.

É importante, neste momento, questionar o que se entende por educação e quais são as suas finalidades. Pode-se dizer que, em certo sentido, o grande objetivo da educação é preparar os seres humanos para a convivência em sociedade. Se observarmos nossas raízes

---

<sup>8</sup> As primeiras condenações católicas imputavam ao fiel que aderisse à Maçonaria penas como a excomunhão. Eles não poderiam ser admitidos em instituições religiosas católicas, nem serem padrinhos de batismo ou crisma. Além disso, ficavam privados de sepultura eclesiástica e de missa de exéquias. O Papa Leão XII, na Constituição Apostólica de 1825, considerou a Maçonaria como uma sociedade que tinha como objetivo conspirar contra a Igreja e o Estado legalmente constituído. “De Pio IX a Leão XIII encontramos nada menos que 350 intervenções pontificias contra a Maçonaria. Praticamente todas elas vêm nas lojas uma espécie de conspiração contra a Igreja e os regimes monárquicos” (HORTAL, 1993, p. 42). Essa visão mudou com a história e atualmente, apesar das condenações, não há mais penas impostas aos maçons.

---

históricas, veremos que a educação na Antiguidade era bastante radical ao buscar essa meta. Na Bíblia, o livro do Deuteronômio, por exemplo, ensina como educar adolescentes indisciplinados:

Se alguém tiver um filho indócil, que não obedece ao pai e à mãe e não os ouve mesmo quando o corrigem, o pai e a mãe o pegarão e o levarão aos anciãos da cidade, à porta do lugar, e dirão aos anciãos da cidade: “Este nosso filho é rebelde e indócil, não nos obedece, é devasso e beberrão”. E todos os homens da cidade o apedrejarão até que morra. Deste modo extirparás o mal do teu meio, e todo Israel ouvirá e ficará com medo (Dt 21, 18-21).

Há outros métodos interessantes, que foram registrados pela história. Da Grécia antiga, por exemplo, cujo legado cultural foi essencial para a formação da identidade da civilização atual, recebemos a idéia da Paidéia, da formação do homem integral, que deveria ter uma “mente sã” em um “corpo sã”. Recebemos a maiêutica, o método socrático pelo qual o ser humano poderia chegar às suas próprias conclusões. Recebemos também a idéia fundamental do “conhece-te a ti mesmo”. Entretanto, nós geralmente nos “esquecemos” de certos detalhes do tipo de educação praticado na Grécia durante a Antiguidade. Um desses “esquecimentos” é a prática generalizada da pederastia. Como afirma o historiador Marrou (1966):

Para o homem grego, a educação residia essencialmente nas relações profundas e estreitas que uniam, pessoalmente, um espírito jovem a um mais velho – que era, ao mesmo tempo, seu modelo, seu guia e seu iniciador [...] A opinião comum e, em Esparta, a lei, consideravam o amante como moralmente responsável pelo desenvolvimento do amado: a pederastia era reputada a forma mais perfeita, mais bela de educação (p. 59).

Ainda no sentido de formar pessoas conforme o que se julgava prioritário para a sobrevivência da sociedade, tem-se o testemunho de Xenofonte, que relata a educação militarista e cruel praticada em Esparta, claramente admirada por ele:

Em toda a Grécia, o costume dos que pretendem dar boa educação aos filhos é o seguinte: logo que atingem a idade adequada são entregues aos cuidados do pedagogo ou tutor. Com esses criados são enviados à escola de algum professor onde aprendem gramática, música e diversos exercícios físicos. Além disso, recebem sapatos que tornam seus pés macios e seus corpos são debilitados por diversas mudas de roupa. E a medida da comida é o seu apetite.

Mas Licurgo em vez de deixar a cada cidadão o encargo de escolher um escravo-tutor para seu filho, designou um paidônomo como guardião público dos meninos espartanos com total autoridade sobre eles. Para auxiliar o educador, criou um corpo de jovens fortes, portando chicotes para infligir castigos quando necessário. O resultado feliz foi que em Esparta a humildade e a obediência vão sempre de mãos dadas e não existe falta de qualquer delas. Em vez de amolecer seus pés com sapatos ou sandálias, decretou que deveriam endurecê-los andando descalços. Para que não se tornassem efeminados com uma variedade de roupas determinou que usassem um só traje o ano inteiro porque desta maneira suportariam melhor as variações de calor e frio (XENOFONTE. Apud SÃO PAULO-SEE, 1985, p.58).

Caminhando um pouco mais no tempo, já no final do Império Romano, no século IV, teremos o testemunho de Santo Agostinho, que relata detalhes de sua própria educação, também marcada pelo uso da violência: “Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras cuja utilidade eu, infeliz, ignorava. Todavia batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça. As pessoas grandes louvavam esta severidade” (AGOSTINHO, 1997, p. 32).

O Cristianismo enfatizou a idéia do amor na educação, mas sem esquecer que ela é um processo pessoal penoso. É o que podemos perceber na Carta aos Hebreus:

Vós esquecestes a exortação que vos foi dirigida como a filhos: *Meu filho, não desprezes a educação do Senhor, não desanimes quando ele te corrige; pois o Senhor educa a quem ama, e castiga todo filho que acolhe. Qual é, com efeito, o filho cujo pai não educa? Se estais privados da educação da qual todos participam, então sois bastardos e não filhos. Nós tivemos os nossos pais segundo a carne como educadores, e os respeitávamos. Não havemos de ser muito mais submissos ao Pai dos espíritos, a fim de vivermos? Pois eles nos educaram por pouco tempo, segundo lhes parecia bem. Deus, porém, nos educa para o aproveitamento, a fim de nos comunicar a sua santidade. Toda educação, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados um fruto de paz e de justiça ( Hb. 12, 5-11).*

Portanto, ser educado seria visto aqui como sinônimo de ser obediente, de aceitar as forças externas vindas de Deus ou, poderíamos dizer também, da sociedade.

O que mudou? Passemos agora ao século XX e vejamos algumas definições de diferentes origens. Durante o período de ditadura militar no Brasil (1964-1985), o MEC produziu a seguinte:

Educação. Do latim “educere”, que significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É atividade criadora, que visa levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. (MEC. Enciclopédia Brasileira de Moral e Civismo, Apud BRANDÃO, 1995, p. 63-64).

Trata-se de uma definição bastante criteriosa, que traz a origem da palavra e que tem o cuidado de lembrar que a educação é um processo amplo, mas cujos objetivos, em última instância, estão ligados à formação do “homem de caráter”. Restaria apenas perguntar o que se entenderia por “homem de caráter” durante esse período de ditadura militar... Seria uma pessoa disposta a lutar contra o comunismo?

Temos então a visão marxista. Marx afirmava que é característica comum a todos os modos de produção o fato de que “para a comunidade continuar sendo como antigamente, será necessária a reprodução de seus membros sob as condições objetivas já pressupostas” (MARX, 1977a). Embora ele não use a palavra educação, é claro que a referida “reprodução”

---

é um dos objetivos fundamentais da educação em todas as sociedades humanas. Este autor completa a idéia esclarecendo que:

[...]o fundamento da evolução é a reprodução das relações entre o indivíduo e comunidade aceitas como dadas – que podem ser mais ou menos primitivas, mais ou menos produtos da história, porém fixadas na tradição – e uma existência objetiva, definitiva e predeterminada seja quanto ao relacionamento com as condições de trabalho, como quanto às relações do homem com seus companheiros de trabalho, de tribo, etc. (sic) (MARX, 1977a, p. 79).

No Manifesto do Partido Comunista lê-se:

Acusai-nos de querer abolir a exploração das crianças por seus próprios pais? Confessamos este crime.  
Dizeis também que destruímos os vínculos mais íntimos, substituindo a educação doméstica pela educação social.  
E vossa educação não é também determinada pela sociedade, pelas condições sociais em que educais vossos filhos, pela intervenção direta ou indireta da sociedade, por meio de vossas escolas? (MARX e ENGELS, 1977 b, p.34).

Portanto, pode-se entender que a filosofia marxista, que é uma filosofia crítica da sociedade, acusa essa mesma sociedade de práticas injustas em sua estrutura educacional.

Mais recentemente, em um livro cuja primeira edição foi publicada em 2005, o marxista Mészáros (2008), cita Paracelso, que afirmava: “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender.”(PARACELSO apud MÉSZÁROS, 2008) Logo depois ele acrescenta:

A grande questão é: o que é que aprendemos de uma forma ou de outra? Será que a aprendizagem conduz à auto-realização dos indivíduos como “indivíduos socialmente ricos” humanamente (nas palavras de Marx) ou está ela a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente incontrolável do capital? Será o conhecimento o elemento necessário para transformar em realidade o ideal da emancipação humana [...] ou será, pelo contrário, a adoção pelos indivíduos, em particular, de modelos que apenas favorecem a concretização dos objetivos reificados do capital? (MÉSZÁROS, 2008, p. 47- 48).

Brandão (1995), por sua vez, observa que:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação.  
[...] A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade (p. 9-10).

Trata-se, no fundo, da mesma concepção do psicólogo e educador norte-americano, Jerome Bruner (1978), que em 1959 afirmava:

Cada geração dá nova forma às aspirações que modelam a educação em seu tempo. O que talvez esteja surgindo, como marca da nossa, é um amplo renovar da preocupação com a qualidade e os objetivos intelectuais da educação – sem que abandonemos, porém o ideal de que ela deve ser um meio de preparar homens bem equilibrados para uma democracia (BRUNER, 1978, p. 1).

Escrevendo na era da oposição entre dois blocos de poder (EUA X URSS), Bruner enfatizava a luta pela democracia em oposição à ditadura do proletariado proposta pelo sistema comunista de então.

Por outro lado, os educadores de esquerda criticam acidamente o sistema educacional capitalista. Essa crítica está bem expressa nas palavras de Brandão, segundo o qual a educação praticada no mundo atual:

Perde a sua dimensão de um *bem de uso* e ganha a de um *bem de troca*. Ela não vale mais pelo que é e pelo que representa para as pessoas. Não é mais um *dom do fazer* que existe no ensinar o saber que é um outro dom de todos e que a todos serve. A educação *vale* como um bem de mercado, e por isso é paga e às vezes custa caro (BRANDÃO, 1995, p. 93).

Para a finalidade do presente estudo, optou-se aqui pela definição de educação proposta por Saviani (2007), segundo o qual ela é:

ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Em outros termos isso significa que a educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social põe-se, portanto, como o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa (p.419- 420).

O grande papel da educação, portanto, é o de preparar as pessoas para a vida em sociedade, transmitindo-lhes os saberes acumulados pelas gerações anteriores. Ela também deve oferecer a oportunidade de crescimento pessoal, da plena utilização das capacidades pessoais, permitindo um olhar crítico sobre o mundo em que se vive. Essa é uma tarefa que pode ser desempenhada tanto pela educação formal, como pela informal. Nesse trabalho nossa preocupação é com a educação formal, oferecida à população por uma escola legalmente instituída.

A história das instituições escolares no Brasil está se afirmando cada vez mais como um novo campo temático da historiografia da educação brasileira. O campo da pesquisa histórica passou desde 1950 por intenso processo de renovação teórica e metodológica. A partir de então, não são mais aceitas as idéias de produção de verdade absoluta e/ou do saber absoluto na História. De fato, não temos essa pretensão. Procuraremos apenas irradiar um pouco de luz sobre nosso objeto de estudo: a experiência educacional singular ocorrida em Ituverava – SP, liderada por uma Loja Maçonica.

A Maçonaria só tem a sua existência comprovada no Brasil, com o funcionamento regular de lojas, no início do século XIX. Castellani (2007) afirma que a loja mais antiga é a “Reunião”, fundada em 1801, no Rio de Janeiro, embora existam indícios de lojas mais antigas na Bahia. De qualquer forma, logo se inicia a perseguição contra elas. Em 1818 um



---

alvará régio proibiu o funcionamento de lojas maçônicas no Brasil, encerrando assim as atividades de várias delas, com muitos maçons sendo presos e condenados à morte.

Apesar das dificuldades, a Ordem não deixou de existir no Brasil e, após a queda do Estado Novo, era uma sobrevivente enfraquecida. Para se recompor tentou se abrir um pouco à sociedade, deixando que seus segredos fossem vislumbrados. Em 1953 foi criado o Instituto Maçônico de Propaganda e Cultura para desfazer o ambiente de desconfiança, criado nas últimas décadas.

Nesse esforço de autopreservação, a Maçonaria transformou-se, após o golpe de Estado de 1964, durante o período de ditadura militar no Brasil, em uma instituição conservadora. Nesse mesmo ano de 1964, quando ocorreu a “Marcha da família com Deus pela liberdade”, a Igreja Católica e a Maçonaria uniram-se para apoiar o movimento direitista, numa aliança inesperada.

Encerrado o período de ditadura militar, os primeiros governos civis foram marcados por crises: inflação, planos econômicos fadados ao fracasso e interrupção do mandato de Collor de Melo. A Maçonaria participou desse período turbulento apoiando os ideais democráticos, em conformidade com os novos ventos que sopravam na sociedade brasileira. A partir de então, ela seguiu seu caminho dentro da possível normalidade. Nesse período, iniciado na década de 1980, ocorre amplo desenvolvimento da instituição, com grande aumento do número de lojas em funcionamento. Porém, seu perfil se modificou e ela passou a ser uma instituição característica de pequenas cidades.

## **MAÇONARIA EM ITUVERAVA-SP**

Esse é o caso da Loja de Ituverava, município localizado no nordeste do Estado de São Paulo, às margens do Rio do Carmo.

As origens de Ituverava, conforme relata Evangelista (1999), estão ligadas à entrada dos bandeirantes pelo sertão brasileiro, que, ao buscarem ouro nas Gerais, passavam pela região, que se tornou inicialmente um “pouso” para os viajantes. A partir do século XVIII, quando Bartolomeu Bueno da Silva descobriu ouro em Goiás, o “Caminho de Goiás” ou “Caminho do Anhanguera” passou a ter um trânsito intenso. Esse caminho transformou-se na atual Rodovia Anhanguera, que une a cidade a pólos econômicos mais intensos, como Ribeirão Preto, Campinas e São Paulo.

A criação de gado e a agricultura foram sempre as bases econômicas de Ituverava. Os primeiros colonizadores de origem européia a se fixarem na região dedicaram-se à pecuária, que ainda se mostra presente. Mas, a terra roxa favoreceu a agricultura, incluindo-a na “onda verde” do café. Sua história, porém, registra a prática de outras lavouras, tais como a do arroz,

do feijão e do milho. Na época em que a Fundação Educacional de Ituverava foi criada, em 1971, as culturas predominantes eram as da soja e do algodão. Atualmente, obedecendo à tendência regional, a cana de açúcar é a cultura mais praticada.

Nessa cidade, atualmente com cerca de 40.000 habitantes<sup>9</sup>, foi fundada em 24 de junho de 1964 (dia de seu patrono, São João) a Loja “União Ituveravense”, que segue o Rito Escocês Antigo e Aceito<sup>10</sup>, vinculada ao Grande Oriente do Brasil, órgão que coordena as lojas maçônicas brasileiras.

A filantropia é o grande ideal da Loja, que mantém a Sociedade Beneficente São João da Escócia. Esse ideal filantrópico, entretanto, manifestou-se de forma mais significativa na criação da Fundação Educacional de Ituverava (FE), mantenedora de uma escola de Ensino Fundamental e Médio, denominada Colégio Nossa Senhora do Carmo, da Faculdade “Dr. Francisco Maeda” (FAFRAM) e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Essas escolas proporcionaram à cidade de Ituverava e sua região novas opções em educação, dando a muitos uma oportunidade única de prosseguimento dos estudos em nível superior.

Discorrendo sobre a tendência filantrópica da Maçonaria, Morel e Souza (2008) observam:

A filantropia, tocada pelo espírito das Luzes, era o movimento dos que podiam ajudar (os ativos) em direção aos percebidos como despossuídos (passivos). A filantropia, também identificada como beneficência, era uma forma de expansão da civilização ocidental e ao mesmo tempo um meio eficaz de criar redes de poder e laços de clientela.

[...] A pedagogia tinha um terreno comum com a beneficência: levar as Luzes do saber para os que não possuísem, retomando, pela via da instrução, a incorporação de setores da população aos costumes, idéias e ao progresso civilizatório, bem como formação de mão de obra (p. 146).

A causa da educação, especificamente, foi, desde a segunda metade do século XIX, uma bandeira de luta da Maçonaria no Brasil e transformou-se em seu mais significativo projeto político desde a República Velha.

---

<sup>9</sup> O censo populacional de 2000 contabilizou 36.268 habitantes e IDH-M de 0,789. O IBGE estimou em 40.485 habitantes a população da cidade no ano de 2008. Fonte: Prefeitura Municipal de Ituverava

<sup>10</sup> As corporações de ofício da Europa medieval originaram as confrarias de pedreiros e construtores, cada qual com sua organização particular. O rito citado é denominado escocês por ter supostamente sido criado na Escócia. Morel e Souza (2008) observam que: “A partir dos séculos XVI e XVII, tais confrarias começaram a admitir os “membros aceitos”, isto é, não vinculados aos ofícios de construção. Os “Aceitos” ingressavam na ordem interessados em participar de uma nova forma de associação, que garantia o intercâmbio e o acolhimento dos maçons durante seus deslocamentos pelas cidades. Além disso as confrarias ofereciam a possibilidade de compartilhar entre si preciosos conhecimentos filosóficos e esotéricos. Em consequência desta política de abertura a homens de diferentes ocupações, dentre eles filósofos hermetistas e alquimistas, o elemento “aceito” foi se tornando cada vez mais numeroso, a ponto de o caráter “operativo” da ordem ser substituído por um escopo de natureza puramente ‘especulativa” (p. 41).

Hortal (1993) explica que “são mais de setenta os ritos em que a Maçonaria trabalha, desde os mais simplificados, como o inglês de York, com apenas quatro graus, até os mais complicados, como o escocês antigo e aceito, com 33 graus.[...] No Brasil, de 90 a 95% das lojas adotam o citado rito escocês” (p. 16).

---

Sendo assim, passemos então a tratar da Fundação Educacional de Ituverava cuja história ainda não foi escrita. A data de sua criação está registrada na primeira Ata de reunião do Conselho de Curadores: 25 de janeiro de 1971.

E quem eram esses maçons que criaram a Fundação em Ituverava? Se, como afirma Baçan (2008), a Maçonaria pode ser considerada uma organização elitista, uma vez que dela só podem participar homens “virtuosos” e “representativos da sociedade”, podemos concluir que esses homens eram líderes da sociedade de então. Colocaram em ação as aspirações das classes médias da época, que esperavam que a existência de escolas de nível técnico e superior na cidade possibilitasse certa ascensão social aos jovens.

Ao analisarmos os nomes daqueles que participaram das primeiras reuniões para tratar de assuntos pertinentes à manutenção das escolas, observamos a presença de agropecuaristas, advogados, médicos, dentistas, professores, comerciantes, cartorários, que integravam os grupos mais abastados da cidade. Mas há também a presença de pessoas de nível sócio-econômico considerado inferior, tais como taxistas, bancários e funcionários públicos.

A análise desses nomes evidencia também a integração dos descendentes de imigrantes que se fixaram no município. Assim, temos nomes e sobrenomes de origem japonesa, sírio-libanesa, espanhola e italiana<sup>11</sup>, além daqueles de origem portuguesa, próprios das famílias mais antigas da região. Esses dados são importantes na medida em que evidenciam uma união de todos, sem maiores restrições, em torno do ideal comum que, naquele momento, se mostrava mais forte do que as disputas particulares que pudessem existir entre eles.

Nas primeiras atas de reunião do Conselho de Curadores e da Diretoria Executiva da Fundação, observamos a presença esmagadora de homens<sup>12</sup>, nem todos maçons. É registrada a presença de políticos (prefeitos e vereadores da cidade), promotores de justiça e juízes. A partir dessas atas, percebe-se claramente que a Loja Maçônica União Ituveravense atuou como ponto de aglutinação das forças sociais da época, interessadas na concretização de um sonho: a criação de uma Faculdade no município de Ituverava.

Essas atas relatam uma luta árdua. A Fundação enfrentou crises financeiras que foram resolvidas com campanhas de doações de gado e produtos agrícolas a serem leiloados,

---

<sup>11</sup> Exemplos dessa presença imigrante são: Nobuo Sakemi e Francisco Maeda (origem japonesa); Assad Chaibub e Luis Suleiman Medina (origem sírio-libanesa); Benedito Russi, Luis e Antonino Amêndola (origem italiana); José Franco Rodrigues (origem espanhola). Os nomes de origem portuguesa, estabelecidos há mais tempo na região, podem ser exemplificados por Jahir de Paula Ribeiro, Felicíssimo Ribeiro de Mendonça e João Mendes Ferreira.

<sup>12</sup> A única exceção feminina é a profa. Silda Vidotto Hiesinger Rodrigues, diretora do Grupo Escolar Fabiano Alves de Freitas, membro do Colégio Eleitoral, cuja presença é registrada na ata do dia 13 de julho de 1971.

subvenções da Prefeitura Municipal, loteamento e venda de terrenos de propriedade da entidade e finalmente, empréstimos em bancos públicos e privados.

Inserida nessa luta, esteve a construção do primeiro prédio próprio, que atualmente é o *Campus I*, onde funcionam o Colégio Nossa Senhora do Carmo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Mais tarde, foi construído em uma propriedade rural o *Campus II*, inaugurado em 1995, no qual funciona a Faculdade Dr. Francisco Maeda (FAFRAM).

Nos prédios das escolas mantidas pela FE não existem símbolos maçônicos expostos de forma visível. Ambos os prédios são simples, sem marcas de um estilo arquitetônico específico. São prédios amplos, funcionais, práticos, onde se percebe a preocupação com a racionalidade econômica e há evidente preocupação em promover a integração das pessoas com a natureza. Há amplos jardins e espaços abertos, que tornam os ambientes agradáveis.

Entretanto, o *Campus I* merece uma maior atenção em nossa análise em vista do conceito contido em seu projeto arquitetônico, inexistente no *Campus II*. Ele foi projetado pelo engenheiro Antônio Henrique, de Uberaba/MG, e seu desenho obedece a um dos maiores símbolos da Maçonaria: o esquadro e o compasso, marcas do trabalho dos maçons, também chamados pedreiros – construtores. Entretanto, é um simbolismo de certa forma “invisível”, já que não é percebido pelos seus frequentadores, tornando-se perceptível apenas ao ser sobrevoado.

O Colégio Nossa Senhora do Carmo<sup>13</sup> foi a primeira escola a ser mantida pela FE. Comprada de particulares, já existia desde a década de 1960, passando a ser mantida pela mesma Fundação em 1971, logo em que esta foi criada. Dedicada ao ensino básico, sua história registra a existência de diferentes cursos. Atualmente, a escola mantém o Ensino Fundamental e Médio regulares, além de cursos técnicos em Agropecuária, Enfermagem, Química, Radiologia e Segurança do Trabalho.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) por sua vez, mantém vários cursos de Licenciatura. À exceção do curso de Administração, com habilitação em Gestão de Negócios e Agronegócios, a instituição oferece os cursos de Pedagogia, Letras com habilitações em Português e Inglês, História e Ciências Biológicas. Até recentemente manteve ainda os cursos de Geografia e Matemática, encerrados por ausência de demanda.

Mantendo cursos de Licenciatura desde 1971, é natural que grande parte dos educadores atualmente em exercício nas escolas da região sejam formados pela FFCL de Ituverava. Podemos ter uma idéia da abrangência da atuação da instituição ao verificarmos o

---

<sup>13</sup> A denominação dada a esta escola trai, mais uma vez, as raízes cristãs da instituição. Como o culto à mãe de Jesus Cristo não é aceito pelas religiões protestantes e evangélicas, podemos concluir que essas raízes são essencialmente católicas. Nossa Senhora do Carmo é a padroeira da cidade de Ituverava e o dia dedicado a ela (16 de julho) é feriado municipal em Ituverava.

---

corpo docente das escolas da região. Uma boa amostragem vem das escolas públicas mantidas pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo – SEESP A Diretoria de Ensino da Região de São Joaquim da Barra, cidade que fica a 28 km de Ituverava, congrega doze municípios. Além de Ituverava, ela supervisiona as escolas de São Joaquim da Barra, Orlandia, Ipuã, Morro Agudo, Nuporanga, Sales Oliveira, Guará, Miguelópolis, Buritizal, Aramina e Igarapava.

Em julho de 2009, a pesquisa mostrou que estavam atuando nas escolas estaduais dessa região 407 educadores formados pela FFCL de Ituverava. Além destes, na sede da Diretoria de Ensino, há 21 pessoas oriundas dessa mesma faculdade. Esses profissionais têm em suas mãos os 17.716 alunos da região, matriculados nessas escolas públicas. Esses profissionais estão distribuídos pelas mais diversas funções: professores das várias disciplinas, bem como Diretores de Escola, Vice-diretores, Professores Coordenadores Pedagógicos, além de Supervisores de Ensino e da própria Dirigente de Ensino da Região de São Joaquim da Barra.<sup>14</sup> Esses dados fornecem indicações do papel formador e da influência dessa instituição de ensino superior no setor educacional da região.

A terceira e mais jovem escola mantida pela FE é a Faculdade “Dr. Francisco Maeda”, sua vocação inicial é a Agronomia. Entretanto, com o passar do tempo, foram criados outros cursos: Direito, Sistemas de Informação e Medicina Veterinária, para o qual foi construído recentemente um hospital veterinário.

Em conformidade com os ideais maçônicos, a instituição distribui bolsas de estudo em todos os cursos. Assim, a maioria dos alunos recebe algum tipo de bolsa. Além daquelas oferecidas pelo PROUNI, do governo federal, e pelo Programa Escola da Família, mantido pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, a instituição distribui suas próprias bolsas, usando critérios de nível sócio-econômico comprovado por documentação apresentada pelos interessados.

## CONCLUSÃO

A história da Fundação Educacional de Ituverava evidencia o esforço da comunidade de uma pequena cidade do interior paulista para suprir os vácuos deixados pelas políticas públicas na área da educação em nosso país. No caso estudado, a própria comunidade local, liderada pela Loja Maçônica União Ituveravense, se uniu para oferecer à população local e regional o que o Estado não ofertava, ou seja, o ensino superior e a formação de profissionais capacitados para atuarem em diversas áreas, especialmente no magistério.

---

<sup>14</sup> Dados fornecidos pela Diretoria de Ensino da Região de São Joaquim da Barra, referentes ao ano de 2009.

**REFERÊNCIAS**

- BAÇAN, L. P. **O livro secreto da maçonaria**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).
- BRUNER, J. S. **O processo da educação**. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 1978.
- CASTELLANI, J. **A ação secreta da maçonaria na política mundial**. São Paulo: Landmark, 2007.
- EVANGELISTA, J.G. **Crônica de Ituverava: espaço e tempo 1750-1950**. Lorena: Stiliano, 1999.
- FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE ITUVERAVA. **Atas das assembléias gerais e reuniões ordinárias e extraordinárias do conselho de curadores e da diretoria executiva**. Livro 1. Ituverava / SP, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Atas das assembléias gerais e reuniões ordinárias e extraordinárias do conselho de curadores e da diretoria executiva**. Livro 1. Ituverava / SP, 1972
- GIRAUDO, T. (dir./ edit.). **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995.
- HORTAL, J. **Maçonaria e igreja: conciliáveis ou inconciliáveis?** São Paulo: Edições Paulinas, 1993. (Coleção Estudos da CNBB; 66)
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LEADBEATER 33. C. W. **Pequena história da maçonaria**. São Paulo: Pensamento, 1968.
- MARROU, Henri-Irénéé. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: EPU, 1966.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Manifesto do partido comunista**. In *Textos – 3*. São Paulo: Edições Sociais, 1977b
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MOREL, M.; SOUZA, F.J. de O. **O poder da maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Coletânea de documentos históricos para o 1º Grau: 5º a 8º séries**. São Paulo: SE/CENP, 1985.

SAVIANI, D. et al. **O Legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil (4º Período)** Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2008.

